

M I C H E L L E M c N A M A R A

**EU  
TEREI  
SUMIDO  
NA  
ESCURIDÃO**

TRADUÇÃO: LUIS REYES GIL

**VESTÍGIO**

Copyright © 2018 Tell Me Productions, Inc.

Copyright © 2018 Editora Vestígio

Título original: *I'll Be Gone in the Dark*

Todos os direitos reservados pela Editora Vestígio. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

GERENTE EDITORIAL

*Arnaud Vin*

EDITOR ASSISTENTE

*Eduardo Soares*

ASSISTENTE EDITORIAL

*Pedro Pinheiro*

REVISÃO

*Eduardo Soares*

ADAPTAÇÃO DE CAPA ORIGINAL

*Diogo Droschi (sobre capa de Faber. Fotografia: © Ed Freeman / Getty)*

DIAGRAMAÇÃO *Guilherme Fagundes*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro,  
SP, Brasil**

McNamara, Michelle, 1970-2016

Eu terei sumido na escuridão / Michelle McNamara ; tradução Luis Reyes Gil. -- 1. ed. -- São Paulo : Vestígio, 2018.

Título original: *I'll be gone in the dark*

ISBN 978-85-8286-472-2

1. Investigação de assassinato em série - Califórnia (Estados Unidos) I. Título.

18-16746 CDD-364.1523209794

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Assassinatos em série : Califórnia : Estados Unidos : Criminologia 364.1523209794 Cibebe  
Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

A **VESTÍGIO** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA**

**São Paulo**

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310-2312. Cerqueira César . 01311-940

São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

[www.grupoautentica.com.br](http://www.grupoautentica.com.br)

**Belo Horizonte**

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520

Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

**Rio de Janeiro**

Rua Debret, 23, sala 401

Centro . 20030-080

Rio de Janeiro . RJ Tel.: (55 21) 3179 1975

Nada de mordomo, empregada, nem de sangue na escada.  
Nenhuma tia excêntrica, jardineiro ou amigo da família  
sorrindo no meio das bugigangas e do assassinato.  
Apenas uma casa suburbana com a porta da frente aberta  
E um cachorro latindo para um esquilo, e os automóveis  
Passando. O cadáver bem morto. A esposa na Flórida.

Avalie as pistas: o espremedor de batatas num vaso,  
A fotografia rasgada de um time de basquete metodista,  
Espalhados junto com comprovantes de pagamento na sala;  
Uma carta de fã para Shirley Temple não enviada,  
O button do Hoover na lapela do falecido,  
O bilhete: “Não vejo problema em ter sido morto desse jeito”.

Não admira que o caso continue sem solução,  
Ou que o investigador, Le Roux, tenha enlouquecido completamente,  
E fique sentado sozinho num quarto branco, de roupa branca,  
Gritando que o mundo inteiro enlouqueceu, que as pistas  
Não levam a nada, ou levam a muros tão altos que seu topo não pode ser visto;  
Gritando todos os dias da guerra, gritando que nada tem solução.  
– Weldon Kees, “Clube do Crime”





## ATAQUES DO ESTUPRADOR DA ÁREA LESTE

(Junho de 1976 a julho de 1979)

Norte da Califórnia

Ataca 50 mulheres em sete condados

### 1 18 de junho de 1976 – Rancho Cordova

Uma mulher de 23 anos (identificada neste livro como "Sheila") é estuprada em sua cama por um intruso mascarado. Será o primeiro ataque de dezenas, por um homem que viria a ser conhecido na mídia e no judiciário como "Estuprador da Área Leste".

### 2 5 de outubro de 1976 – Citrus Heights

O Estuprador da Área Leste ataca pela quinta vez, visando uma dona de casa de 30 anos, Julie Miller\*. O estuprador espera o marido da vítima sair para o trabalho e entra minutos depois. O filho de 3 anos de idade da vítima permanece no quarto dela durante todo o suplício.

### 3 28 de maio de 1977 – Parkway – Sul de Sacramento

Fiona Williams\*, de 28 anos, e o

### 4 28 de outubro de 1978 – San Ramon

A contagem oficial chega a 40 quando o EAL ataca outro casal: Kathy\*, de 23 anos, e o marido, David\*.

### 5 9 de dezembro de 1978 – Danville

Esther McDonald\*, 32 anos, é acordada à noite, amarrada e estuprada, tornando-se a 43ª vítima do EAL.

## **OS ROUBOS E DISPAROS DO SAQUEADOR DE VISALIA**

(Abril de 1974 a dezembro de 1975)

### **6 Visalia**

Exploração de um possível vínculo com as várias invasões e o assassinato de Claude Snelling.

## **A VIOLÊNCIA DO ORIGINAL NIGHT STALKER**

(Outubro de 1979 a maio de 1986)

### **7 1º de outubro de 1979 – Goleta**

O Original Night Stalker ataca um casal durante uma malsucedida invasão de casa; o casal escapa.

### **8 30 de dezembro de 1979 – Goleta**

O ONS mata o Dr. Robert Offerman e Debra Alexandria Manning.

### **9 13 de março de 1980 – Ventura**

O ONS mata Charlene e Lyman Smith.

### **10 19 de agosto de 1980 – Dana Point**

O ONS mata Keith e Patrice Harrington.

### **11 6 de fevereiro de 1981 – Irvine**

O ONS mata Manuela Witthuhn.

### **12 27 de julho de 1981 – Goleta**

O ONS mata Cheri Domingo e Gregory Sanchez.

### **13 5 de maio de 1986 – Irvine**

O ONS mata Janelle Cruz. marido Phillip são vítimas do EAL em seu 22º ataque conhecido – o sétimo ataque em que o homem está presente durante o incidente.

# PERSONAGENS

## VÍTIMAS

### Vítimas de estupro

Sheila\* (Sacramento, 1976)

Jane Carson (Sacramento, 1976)

Fiona Williams\* (Sul de Sacramento, 1977)

Kathy\* (San Ramon, 1978)

Esther McDonald\* (Danville, 1978)

### Vítimas de homicídio

Claude Snelling (Visalia, 1978)\*\*

Katie e Brian Maggiore (Sacramento, 1978)\*\*

Debra Alexandria Manning e Robert Offerman (Goleta, 1979)

Charlene e Lyman Smith (Ventura, 1980)

Patrice e Keith Harrington (Dana Point, 1980)

Manuela Witthuhn (Irvine, 1981)

Cheri Domingo e Gregory Sanchez (Goleta, 1981)

Janelle Cruz (Irvine, 1986)

## INVESTIGADORES

Jim Bevins – investigador, Departamento do Xerife do Condado de Sacramento

Ken Clark – detetive, Escritório do Xerife de Sacramento

Carol Daly – detetive, Departamento do Xerife do Condado de Sacramento

Richard Shelby – detetive, Departamento do Xerife do Condado de Sacramento

Larry Crompton – detetive, Departamento do Xerife do Condado de Contra Costa

Paul Holes – criminalista, Departamento do Xerife do Condado de Contra Costa

John Murdock – chefe, Laboratório de Criminalística do Xerife, Condado de Contra Costa

Bill McGowen – detetive, Departamento de Polícia de Visalia

Mary Hong – criminalista, Laboratório de Criminalística do Condado de Orange

Erika Hutchcraft – investigadora, Escritório Distrital da Promotoria do Condado de Orange

Larry Pool – investigador, Countywide Law Enforcement Unsolved Element (CLUE) [“Autoridade Policial do Condado para Casos Não Solucionados”], Departamento do Xerife do Condado de Orange

Jim White – criminalista, Departamento do Xerife do Condado de Orange

Fred Ray – detetive, Escritório do Xerife do Condado de Santa Barbara

---

\* Pseudônimo.

\*\* Nunca associado de maneira conclusiva ao Assassino do Golden State.

# INTRODUÇÃO

ANTES DO ASSASSINO DO GOLDEN STATE, o “estado dourado” da Califórnia, havia a garota. Michelle vai falar dela: a garota, arrastada até o beco que sai da Pleasant Street, assassinada e largada num monte de lixo. A garota, uma jovem de vinte e poucos anos, morta em Oak Park, Illinois, a algumas quadras de onde Michelle foi criada – numa movimentada casa de católicos irlandeses.

Michelle, a mais nova de seis irmãos, assinava as entradas de seu diário como “Michelle, a Escritora”. Ela contou que o assassinato despertou nela o interesse pelas histórias de crimes reais.

Nós duas teríamos formado um belo par (embora talvez um par estranho). Na mesma época, no começo da minha adolescência, lá em Kansas City, Missouri, eu também queria ser escritora, embora tenha adotado no meu diário um apelido um pouco mais pretensioso: Gillian, a Grande. Como Michelle, cresci numa família irlandesa numerosa, frequentei escola católica e cultivei um fascínio pelo escuro. Li *A Sangue-Frio*, de Truman Capote, quando tinha 12 anos, numa cópia barata de segunda mão, e isso iria iniciar minha obsessão de toda a vida por crimes reais.

Adoro ler sobre crimes reais, mas sempre tive consciência de que, como leitora, estou na realidade escolhendo ser uma consumidora das tragédias de outras pessoas. Portanto, como qualquer consumidora responsável, tento ser criteriosa nas minhas escolhas. Leio apenas o melhor: escritores que sejam obstinados, perspicazes e humanos.

Era inevitável que encontrasse Michelle.

Sempre achei que o aspecto menos valorizado de um grande escritor de crimes reais é a humanidade. Michelle McNamara teve uma misteriosa capacidade de entrar na mente não só dos assassinos, mas também dos policiais que os perseguiram, das vítimas que foram destruídas, e do rastro de dor deixado para os parentes. Quando adulta, virei uma visitante regular de seu notável blog, *True Crime Diary* [“Diário do Crime Real”]. “Por que você não escreve para ela?”, meu marido insistia.

Ela era de Chicago; eu moro em Chicago; as duas éramos mães que passavam uma quantidade pouco saudável de tempo revirando pedras nos lados escuros da humanidade.

Eu resisti às sugestões do meu marido – acho que o mais perto que cheguei em termos de conhecê-la foi me apresentar a uma tia dela num evento de livraria – ela me passou seu telefone, e eu mandei a Michele uma mensagem de texto, dizendo algo tão pouco próprio de escritores como “Você é incrível!!!”.

A verdade é que eu não tinha certeza se queria conhecer essa escritora – sentia que ela estava um nível acima de mim. Eu crio personagens; ela tinha que lidar com fatos, ir até onde a história a levasse. Ela tinha que ganhar a confiança de investigadores desconfiados, cansados, encarar montanhas de documentos que poderiam conter aquela única informação crucial, e convencer famílias e amigos arrasados a remexer em velhas feridas.

Ela fazia isso com um encanto particular, escrevendo à noite enquanto a família dormia, num quarto com um monte de cartolinas da filha espalhadas, anotando com giz de cera colorido os códigos penais da Califórnia.

Sou uma horrível colecionadora de assassinos, mas não tinha conhecimento do homem que Michelle iria apelidar de Assassino do Golden State, até ela começar a escrever sobre esse pesadelo, responsável por cinquenta agressões sexuais e pelo menos dez assassinatos na Califórnia nas décadas de 1970 e 1980. Este era um caso que esfriara havia décadas; testemunhas e vítimas haviam se mudado ou falecido ou sumido; o caso abrangia várias jurisdições – tanto no sul como no norte da Califórnia – e envolvia uma miríade de arquivos criminais que não contavam com os benefícios das análises de DNA ou de laboratório. São poucos os escritores que levariam isso adiante, e menos ainda os que fariam isso bem.

A obstinação de Michelle em perseguir esse caso foi impressionante. Num exemplo típico, ela localizou no site de um brechó no estado do Oregon um par de abotoaduras que haviam sido roubadas de uma cena de crime em Stockton, Califórnia, em 1977. Não só isso; ela podia também

lhe dizer que “nomes de menino que começam com N eram relativamente raros, aparecendo apenas uma vez na lista dos cem nomes mais comuns nas décadas de 1930 e 1940, época em que o dono original das abotoaduras provavelmente teria nascido”. Veja bem, isso sequer é uma pista que leve ao assassino; é uma pista que leva às abotoaduras que o assassino roubou. Essa dedicação aos detalhes era típica. Escreve Michelle: “Uma vez, passei uma tarde vasculhando todos os detalhes possíveis a respeito de um membro da equipe de polo aquático da turma de 1972 da Escola Secundária Rio American, porque na foto do anuário ele aparecia esbelto e com panturrilhas grossas” – um *possível* traço físico do Assassino do Golden State.

Muitos escritores que deram suor e sangue reunindo tal volume de pesquisa podem se perder nos detalhes – estatísticas e informação tendem a deixar de lado a humanidade. Os traços que fazem da pessoa um pesquisador incansável com frequência estão em oposição às nuances da vida.

Mas *Eu terei sumido na escuridão*, além de um belo trabalho de divulgação de informações, é também um retrato de época, lugar e pessoa. Michelle dá vida às subdivisões da Califórnia que ficam junto a plantações de laranja, novos conjuntos habitacionais insossos que faziam das vítimas as estrelas de seus próprios filmes de suspense chocantes, as cidades que viviam à sombra das montanhas e ganhavam vida uma vez por ano com as milhares de tarântulas frenéticas que saíam em busca de parceiros para acasalar. E as pessoas, ah, meu Deus, as pessoas – ex-hippies ainda esperançosos, ou recém-casados em sua labuta, ou uma mãe e uma filha adolescente discutindo a respeito de liberdade e responsabilidade e trajes de banho, sem saber que faziam isso pela última vez.

Fui fisgada desde o início, e Michelle também, ao que parece. Sua caçada de muitos anos, atrás da identidade do Assassino do Golden State, cobrou um duro preço: “Tenho um grito permanentemente preso na minha garganta agora”.

Michelle faleceu durante o sono aos 46 anos de idade, antes que pudesse terminar este livro notável. Você encontrará relatos de casos de

colegas dela, mas a identidade do Assassino do Golden State – quem era ele – permanece sem solução.\* A identidade dele não me importa minimamente. Quero que seja capturado; não me importa quem seja. Olhar para o rosto de um homem desses é um anticlímax; atribuir-lhe algum nome, mais ainda. Sabemos o que ele fez; qualquer informação adicional inevitavelmente parecerá trivial, vaga, um clichê: “Minha mãe foi cruel comigo. Odeio mulheres. Nunca tive família ...” E assim por diante.

Quero saber mais a respeito de pessoas de verdade, completas, não a respeito de sujos detritos humanos. Quero saber mais a respeito de Michelle. À medida que ela detalhava sua busca por esse homem sombrio, eu me vi procurando pistas a respeito dessa escritora que tanto admiro. Quem era a mulher em quem confiei o suficiente para acompanhar esse pesadelo? Como era ela? O que a tornou assim? O que lhe deu esse encanto? Num dia de verão, eu me vi no trajeto de vinte minutos da minha casa em Chicago até Oak Park, até o beco onde “a garota” foi encontrada, onde Michelle, a Escritora, descobriu sua vocação. Só quando cheguei é que entendi por que estava ali. Era porque estava numa busca própria, na minha perseguição a essa notável perseguidora do escuro.

– Gillian Flynn  
Autora de Garota exemplar

# PRÓLOGO

NAQUELE VERÃO, PERSEGUI O ASSASSINO EM SÉRIE À NOITE, instalada no quarto de brinquedos da minha filha. No essencial, eu imitava a rotina da hora de deitar de uma pessoa normal. Escovava os dentes. Vestia o pijama. Mas depois que meu marido e minha filha caíam no sono, ia para o meu espaço de trabalho improvisado e ligava o laptop, essa escotilha de 15 polegadas de largura e infinitas possibilidades. Nosso bairro, a noroeste do centro de Los Angeles, é muito tranquilo à noite. Às vezes o único som era o do clique do mouse conforme eu chegava cada vez mais perto das entradas de casas de homens que eu não conhecia, usando o *Street View* do Google Maps. Eu raramente me mexia, mas dava saltos de décadas com uns poucos toques de teclas. Anuários de colégios. Certidões de casamento. Fotos de arquivos policiais. Vasculhava milhares de páginas de arquivos policiais da década de 1970. Ficava matutando em cima de relatórios de autópsias. Não achava nada demais fazer isso rodeada por meia dúzia de bichos de pelúcia e por um conjunto de bongôs cor de rosa. Encontrara meu local de pesquisa, tão privado quanto o labirinto de um rato. Toda obsessão precisa de um espaço próprio. O meu estava cheio de papéis com desenhos para colorir, nos quais eu fazia anotações com giz de cera colorido a respeito dos códigos penais da Califórnia.

Era por volta de meia-noite do dia 3 de julho de 2012, quando abri um documento que eu compilara, listando todos os itens singulares que ele roubara ao longo dos anos. Havia me aventurado um pouco em metade dessa lista: becos sem saída. O item seguinte a pesquisar era um par de abotoaduras roubadas de Stockton, Califórnia, em setembro de 1977. Nessa época, o Assassino do Golden State, como eu acabei chamando-o, ainda não se graduara como assassino. Era um estuproador em série, conhecido como o Estuproador da Área Leste, que atacava mulheres e meninas nos seus quartos, primeiro na parte leste do Condado de Sacramento, depois fazendo incursões em comunidades do Central Valley e nos arredores de East Bay, em São Francisco. Era jovem – entre 18 e 30

anos –, caucasiano e atlético, capaz de escapar saltando cercas altas. Seu alvo preferido eram casas de apenas um andar, localizadas a dois lotes da esquina em um bairro tranquilo de classe média. Usava sempre uma máscara.

Precisão e autopreservação eram os traços que permitiam identificá-lo. Quando escolhia uma vítima, costumava entrar na casa com antecedência, quando não houvesse ninguém lá, examinava as fotos da família, assimilava o arranjo. Desativava as luzes da varanda e destravava as portas de vidro corrediças. Tirava as balas das armas. Proprietários das casas, despreocupados, fechavam portões deixados abertos; fotos que ele tivesse mudado de lugar eram colocadas de volta, e atribuía-se isso à bagunça normal do dia a dia. As vítimas dormiam sossegadas até que o facho da lanterna as obrigasse a abrir os olhos. Ficavam ofuscadas, desorientadas. Mentes sonolentas arrastavam-se, e depois aceleravam. Uma figura que elas não conseguiam ver manejava a luz, mas quem, e por quê? Seu medo encontrava a direção quando ouviam a voz, descrita como um sussurro gutural entredentes, abrupto e ameaçador, embora algumas vítimas notassem um lapso ocasional e a variação para um tom mais agudo, um tremor, um gaguejar, como se o estranho mascarado no escuro estivesse escondendo não só o rosto mas também uma instabilidade brusca que nem sempre conseguia disfarçar.

O caso Stockton em setembro de 1977, quando ele roubara as abotoaduras, foi seu vigésimo terceiro ataque, e aconteceu após um intervalo de verão muito bem delimitado. Os ganchos da cortina raspando no varão acordaram a mulher de 29 anos de idade em seu quarto, na região noroeste de Stockton. Ela levantou a cabeça do travesseiro. As luzes do pátio de fora emolduraram a silhueta junto à porta. A imagem evaporou quando o facho da lanterna encontrou seu rosto ofuscando-a; uma energia poderosa correu em direção à cama. Seu último ataque havia sido no fim de semana prolongado do Memorial Day [o feriado nacional celebrado na última segunda-feira de maio, em homenagem aos militares mortos em combate]. Era 1h30 da madrugada da terça-feira depois do Labor Day [celebrado nos Estados Unidos na

primeira segunda-feira de setembro]. O verão terminara. Ele estava de volta.

Ele agora ia atrás de casais. A vítima feminina tentara explicar o mau cheiro do seu agressor ao policial que fazia o relatório. Ela se esforçava para identificar o odor. Disse que não era cheiro de falta de banho. Não vinha de debaixo do braço dele, ou da sua respiração. O melhor que a vítima conseguiu dizer, anotou o policial em seu relatório, foi que parecia um cheiro de nervoso, que emanava não de alguma zona em particular do corpo dele, mas de todos os seus poros. O oficial perguntou se ela poderia ser mais específica. Ela disse que não. O fato era que não se tratava de nenhum cheiro que ela já tivesse sentido antes.

Como em outros casos em Stockton, ele resmungava que precisava de dinheiro, mas ignorava dinheiro vivo que encontrasse bem diante dele. O que queria daqueles que violava eram coisas de valor pessoal: alianças de casamento gravadas, carteiras de motorista, moedas comemorativas. As abotoaduras, relíquias de família, tinham um estilo incomum para a década de 1950, e um monograma com as iniciais N.R. O relator oficial havia feito um desenho esquemático delas à margem do relatório policial. Curioso como eram peculiares. Por meio de uma pesquisa na internet descobri que nomes de menino que começam com N eram raros, aparecendo apenas uma vez na lista dos cem nomes mais comuns nas décadas de 1930 e 1940, quando o dono original das abotoaduras provavelmente teria nascido. *Googlei* uma descrição das abotoaduras e apertei Enter no meu laptop.

Você precisa ter muita ousadia para achar que é capaz de decifrar um caso complexo de um assassino em série, que uma força tarefa representando cinco jurisdições da Califórnia, com ajuda do FBI, não tem sido capaz de solucionar, especialmente quando o trabalho de detetive que você faz é, como o meu, do tipo autodidata. Meu interesse por crimes tem raízes pessoais. O assassinato não esclarecido de uma vizinha quando eu tinha 14 anos despertou um fascínio por casos não solucionados. O advento da internet transformou meu interesse numa ocupação ativa. Depois que os registros públicos foram disponibilizados online e que foram inventadas ferramentas de busca sofisticadas, entendi de que

maneira uma cabeça cheia de detalhes de crimes podia interagir com uma barra de pesquisa vazia, e em 2006 criei um site chamado *True Crime Diary*. Quando minha família vai dormir, faço uma viagem no tempo e reformato evidências estagnadas, usando tecnologia do século XXI. Começo clicando, vasculhando a internet atrás de pistas digitais que as autoridades talvez tenham deixado de fora, passando um pente fino em listas telefônicas digitalizadas, anuários, e vistas de cenas de crime no Google Earth: um poço sem fundo de potenciais pistas para o investigador de laptop que existe hoje no mundo virtual. Compartilho minhas teorias com os leais frequentadores do meu blog.

Tenho escrito sobre centenas de crimes não resolvidos, envolvendo desde assassinos que usam clorofórmio a padres homicidas. O Assassino do Golden State, porém, é o que mais me consumiu. Além das cinquenta agressões sexuais no Norte da Califórnia, foi responsável por dez assassinatos sádicos no sul do estado. Este foi um caso que se estendeu por uma década e acabou mudando a lei sobre DNA no estado. Nem o Assassino do Zodíaco, que aterrorizou São Francisco no final da década de 1960 e início da de 1970, nem o Night Stalker [“Perseguidor Noturno”], que fez os californianos do sul trancarem suas janelas nos anos 1980, foram tão ativos. No entanto, o Assassino do Golden State foi pouco reconhecido. Não tinha um nome sugestivo até eu cunhar um. Atacava em diferentes jurisdições da Califórnia, que nem sempre compartilhavam informações ou se comunicavam bem entre elas. Quando os testes de DNA revelaram que crimes antes tidos como não relacionados eram obra do mesmo homem, havia transcorrido mais de uma década desde seu último assassinato conhecido, e sua captura não era mais prioridade. Ele voou abaixo do radar, à solta e não identificado.

Mas ainda aterrorizava suas vítimas. Em 2001, uma mulher em Sacramento atendeu o telefone na mesma casa em que havia sido atacada 24 anos antes. “Lembra quando a gente brincou?”, sussurrou um homem. Ela reconheceu a voz na hora. As palavras dele fizeram-na lembrar de algo que ele dissera em Stockton, quando a filha de 6 anos de idade do casal levantou para ir ao banheiro e deparou com ele no corredor. Ele estava a cerca de seis metros de distância dela, um homem com uma

máscara marrom de esqui e luvas pretas de lã, e sem calças. Ele tinha um cinto com uma espécie de espada nele. “Estou fazendo umas brincadeiras com sua mãe e seu pai”, ele disse. “Venha me assistir.”

O que me fisgou foi que o caso parecia ser solucionável. Sua área de destroços era ao mesmo tempo muito grande e muito pequena; ele fizera muitas vítimas e deixara muitas pistas, mas em comunidades relativamente restritas, facilitando a prospecção de dados de potenciais suspeitos. Senti-me logo arrastada pelo caso. A curiosidade virou um apetite intenso. Entrei na perseguição, absorvida por uma febre de cliques que conectava meu ímpeto de fazer conexões com uma descarga prazerosa de dopamina. Não era só eu. Encontrei um grupo de pesquisadores empenhados, que criaram um mural de mensagens online para trocar pistas e teorias a respeito do caso. Deixei de lado quaisquer julgamentos que pudesse ter feito e segui a conversa deles, ao todo vinte mil posts. Filtrei e excluí os de gente esquisita com motivos duvidosos e me concentrei nos verdadeiros perseguidores. Às vezes aparecia no mural de mensagens uma pista, como a imagem de um adesivo de um veículo suspeito, visto perto do ataque, uma pequena contribuição coletiva de detetives sobrecarregados de trabalho que ainda estavam tentando resolver o caso.

Não o considero um fantasma. Minha fé estava num erro humano. Ele deve ter cometido algum erro em algum ponto do caminho, eu ponderava.

Naquela noite em que fiquei pesquisando as abotoaduras, eu já vinha com aquela obsessão pelo caso havia quase um ano. Gosto de blocos de notas amarelos, especialmente as dez primeiras páginas mais ou menos, quando tudo parece fluente e promissor. O quarto de brinquedos da minha filha estava cheio desses meus blocos de notas amarelos preenchidos pela metade, um hábito perdulário e que refletia meu estado mental. Cada bloco era uma linha de investigação que começava e empacava. Procurei conselho com detetives aposentados que haviam trabalhado no caso, muitos dos quais acabei considerando meus amigos. Sua ousadia já havia sido minada, mas isso não impediu que incentivassem a minha. A caçada para encontrar o Assassino do Golden

State, que abrangeu quase quatro décadas, parecia menos uma corrida de revezamento do que um grupo de fanáticos amarrados numa corda e tentando escalar uma montanha impossível. Os caras mais velhos tiveram que parar uma hora, mas insistiam em que eu fosse em frente. Eu me queixei com um deles dizendo que me sentia como se estivesse atirando para todos os lados.

– Meu conselho? Atire para um lado só – disse ele. – Atire até acabar a munição.

Os itens roubados eram o lado para o qual eu vinha atirando. Eu não estava otimista. Minha família e eu estávamos indo para Santa Monica para o fim de semana do Quatro de Julho. Eu ainda não havia feito as malas. A previsão do tempo não animava. Então eu vi, numa imagem no meio de centenas de outras que eram carregadas na tela do meu laptop, o mesmo estilo de abotoadura do desenho esboçado no arquivo policial, com as mesmas iniciais. Chequei várias vezes o desenho tosco do policial com a imagem no meu computador. Estavam sendo vendidas por oito dólares num brechó de uma cidadezinha do Oregon. Comprei na hora, pagando quarenta dólares pela entrega expressa, no dia seguinte. Fui pelo corredor até meu quarto. Meu marido já dormia. Sentei na beirada da cama e fiquei olhando fixo para ele até que abriu os olhos.

– Acho que encontrei o cara – eu disse. Meu marido nem precisou perguntar quem era o tal “cara”.

# PARTE UM

## IRVINE, 1981

DEPOIS DE CONCLUIR SEU TRABALHO NA CASA, a polícia disse a Drew Witthuhn: “É toda sua”. A fita amarela foi removida; a porta da frente, fechada. A impassível precisão dos policiais em seu trabalho ajudara a desviar a atenção da mancha. Não havia como não vê-la agora. A cama de seu irmão e de sua cunhada ficava logo ao entrar pela porta da frente, bem diante da cozinha. Em pé junto à pia, Drew só teve que virar a cabeça para ver o esguicho escuro que manchava a parede branca acima da cama de David e Manuela.

Drew orgulhava-se de não ser melindroso. Na Academia de Polícia, eram treinados para lidar com o estresse e não se abalar nunca. Resistir às emoções era um requisito para se formar. Mas até a noite de sexta-feira, 6 de fevereiro de 1981, quando a irmã da sua noiva parou junto à mesa dele no Rathskeller Pub em Huntington Beach e disse ofegante: “Drew, ligue pra sua mãe”, ele não imaginara que seria obrigado a usar essas habilidades – a de ficar de boca fechada e olhar firme para a frente enquanto todos os demais gritavam de olhos esbugalhados – tão cedo ou tão perto da sua casa.

David e Manuela moravam no número 35 da rua Columbus, em uma casa térrea de Northwood, um conjunto residencial novo em Irvine. O bairro era uma das ramificações de subúrbio que se estendiam no que restara do velho rancho Irvine. Laranjais ainda dominavam os arredores, margeando o concreto e o asfalto intrusos com suas imaculadas fileiras de árvores, junto a um galpão de processamento e de alojamentos para colhedores. O futuro daquela paisagem em transformação podia ser medido pelo som: o estrondo de caminhões despejando cimento ia abafando o dos tratores, cada vez em menor número.

Um ar ameno mascarava a transformação acelerada de Northwood. Fileiras de altos eucaliptos, plantados por fazendeiros na década de 1940 como proteção contra os fortes ventos de Santa Ana, não haviam sido derrubadas, mas tinham agora outro propósito. As construtoras usaram as árvores para dividir as avenidas principais e separar os núcleos. O

loteamento de David e Manuela, Shady Hollow, era um núcleo de 137 casas, com quatro tipos de plantas disponíveis. Eles escolheram a Planta 6014, “O Salgueiro”, com três quartos, 140 metros quadrados. No final de 1979, quando a casa ficou pronta, eles se mudaram.

Para Drew, a casa parecia típica de gente mais velha, embora David e Manuela tivessem apenas cinco anos a mais que ele. Primeiro, porque era nova em folha. Os armários da cozinha brilhavam, pelo pouco uso. A geladeira ainda cheirava a plástico por dentro. E a casa era muito espaçosa. Drew e David haviam sido criados numa casa mais ou menos do mesmo tamanho, mas nela espremiavam-se sete pessoas, era preciso ter paciência para aguardar sua vez de tomar banho, e jantavam todos acotovelados na mesa. David e Manuela guardavam as bicicletas num dos três quartos da casa; no outro quarto vago, David guardava sua guitarra.

Drew tentava ignorar uma ponta de ciúmes, mas a verdade é que invejava o irmão mais velho. David e Manuela estavam casados havia cinco anos, e os dois tinham emprego fixo. Ela trabalhava com empréstimos no California First Bank; ele era vendedor na House of Imports, uma revenda da Mercedes-Benz. Unidos por aspirações de classe média. Eles passavam um bom tempo discutindo se deveriam ou não erguer um muro de tijolos na frente da casa e qual seria o melhor lugar para comprar bons tapetes orientais. A casa número 35 da rua Columbus era um esboço aguardando ser preenchido. Seus espaços vazios davam-lhe um ar de promessa. Drew sentia-se comparativamente atrasado e imaturo.

Depois de sua primeira visita, raramente Drew passava algum tempo na casa deles. O problema não era exatamente o nível de ressentimento, mas talvez o desprazer. Manuela, filha única de imigrantes alemães, era rude, às vezes de um jeito desconcertante. No California First Bank, era conhecida por ficar dizendo às pessoas quando é que tinham que cortar o cabelo ou por apontar os erros dos outros. Ela mantinha uma lista privada de erros que seus colegas haviam cometido, que ela escrevia em alemão. Era magra, bonita, com os ossos do rosto salientes e implantes nos seios; decidira fazer o procedimento depois de casar, porque tinha o peito pequeno e David, segundo confessou ela a uma colega, meio dando

de ombros, ressentida, parecia preferir peitos grandes. Mas não fazia ostentação da nova aparência. Ao contrário, preferia gola olímpica e mantinha os braços cruzados junto ao corpo, como alguém que está a postos para uma briga.

Drew podia ver que o relacionamento funcionava bem para o irmão, mais retraído e hesitante, com uma maneira de falar mais tangencial do que direta. Mas era muito frequente Drew sair da companhia deles irritado com a energia de Manuela, com suas reclamações que causavam atritos em cada espaço em que entrava.

No início de fevereiro de 1981, Drew soube por meio de comentários que circulavam na família que David não estava se sentindo bem e fora internado no hospital, mas fazia um tempo que não via o irmão e não tinha planos de visitá-lo. Na segunda-feira, 2 de fevereiro, Manuela internara David no hospital comunitário Santa Ana-Tustin, com uma grave virose gastrointestinal. Nas noites seguintes, manteve a mesma rotina: ia à casa dos pais jantar, e depois até o quarto 320 do hospital, para ver David. Falavam-se todos os dias e todas as noites por telefone. No final da manhã de uma sexta-feira, David ligou para o banco para falar com Manuela, mas os colegas disseram que ela não tinha ido trabalhar. Ligou para casa, mas ninguém atendia o telefone, o que o deixou intrigado. A secretária eletrônica deles sempre atendia depois do terceiro toque; Manuela não sabia lidar com o aparelho. Em seguida, ele ligou para a mãe dela, Ruth, que concordou em dar um pulo de carro até a casa, atrás da filha. Quando viu que ninguém atendia, usou sua chave para entrar. Alguns minutos depois, Ron Sharpe,\*\* um amigo próximo da família, recebeu uma ligação de Ruth, histérica.

– Eu dei uma olhada à minha esquerda e vi as mãos dela abertas desse jeito, e o sangue espalhado pela parede – contou Sharpe aos detetives. – Não conseguia entender como o sangue tinha chegado até a parede desde o lugar onde ela estava deitada.

Ele deu apenas uma olhada no quarto, não voltou para olhar de novo.

Manuela estava deitada na cama de bruços. Vestia um robe marrom de tecido aveludado e estava meio enfiada num saco de dormir, no qual às vezes dormia quando sentia muito frio. Marcas vermelhas rodeavam seus

pulsos e tornozelos, evidência de amarras, que haviam sido removidas. Uma chave de fenda grande estava largada no pátio de concreto a meio metro da porta de vidro corrediça dos fundos. O mecanismo de trava da porta havia sido forçado.

Uma tevê de 19 polegadas havia sido levada de dentro da casa até o canto sudoeste do quintal dos fundos, encostada a uma cerca de madeira alta. O canto da cerca estava levemente afastado, como se alguém tivesse batido na cerca ou saltado com excessiva força. Investigadores observaram marcas de sapato, com um padrão de pequenos círculos, nos quintais da frente e dos fundos, e em cima do medidor de gás no lado leste da casa.

Uma das primeiras peculiaridades que os investigadores observaram foi que a única fonte de luz no quarto vinha do banheiro. Perguntaram a David sobre isso. Ele estava na casa dos pais de Manuela, onde um grupo de familiares e amigos se reunira ao saber da notícia, para se lamentar e se consolar. Os investigadores notaram que David parecia abalado e confuso; a dor deixara sua mente à deriva. Não terminava de dar suas respostas. Mudava de assunto de repente. A pergunta sobre a luz confundiu-o.

– Onde está a luminária? – ele perguntou.

Uma luminária com uma base quadrada e uma estrutura de metal cromado, na forma de uma bola de canhão, havia sumido de cima da caixa de som, do lado esquerdo da cama. Sua ausência deu à polícia uma boa ideia sobre o objeto pesado que havia sido usado para agredir Manuela até a morte.

Perguntaram a David se ele sabia por que a fita cassete havia sido removida da secretária eletrônica. Ele estava em choque. Balançou a cabeça. A única explicação possível, disse ele à polícia, era que a voz de quem quer que tivesse matado Manuela estivesse gravada na secretária.

A cena era muito bizarra. Muito bizarra para Irvine, que tinha poucos crimes. Era muito bizarra para o Departamento de Polícia de Irvine; para alguns deles, parecia uma coisa montada para despistar. Algumas joias estavam desaparecidas e a televisão fora arrastada até o quintal. Mas que ladrão deixa sua chave de fenda largada? Ficaram imaginando se o

assassino era alguém que Manuela conhecia. O marido estava passando a noite no hospital. Ela convida um homem conhecido. Ele fica violento e tira a fita cassete da secretária eletrônica, sabendo que sua voz está lá gravada; depois força a porta corrediça e então, num toque final da farsa, deixa a chave de fenda largada.

Mas outros duvidavam que Manuela conhecesse o assassino. A polícia interrogou David no Departamento de Polícia de Irvine, um dia depois de terem achado o corpo. Perguntaram se os dois haviam tido algum problema com ladrões no passado. Depois de pensar um pouco, ele mencionou que três ou quatro meses antes, em outubro ou novembro de 1980, tinha visto pegadas que ele não soube explicar. Para David, elas pareciam ser de um tênis, e atravessavam toda a casa e iam até o quintal. Os investigadores estenderam um pedaço de papel na mesa e pediram que David desenhasse as pegadas do melhor jeito que conseguisse lembrar. Ele fez um esboço rápido, preocupado e exausto. Ele não sabia que a polícia tinha um molde em gesso da pegada que o assassino de Manuela deixara ao espreitar a casa na noite do assassinato. Ele devolveu o papel. Havia desenhado uma pegada do pé direito de um tênis com solado de pequenos círculos.

Agradeceram a David e o liberaram para voltar para casa. A polícia colocou seu esboço ao lado do molde em gesso. Coincidiam.

Em geral, criminosos violentos são impulsivos, desorganizados, e facilmente pegos. A grande maioria dos homicídios é cometida por pessoas conhecidas pela vítima e, apesar das manobras para tentar despistar a polícia, esses agressores costumam ser identificados e presos. É uma pequena minoria de criminosos, talvez cinco por cento, que representa o maior desafio – aqueles cujos crimes revelam um planejamento prévio e uma fúria sem remorsos. O assassino de Manuela tinha todas as marcas desse último tipo. Havia as amarras, depois removidas. A ferocidade dos ferimentos na sua cabeça. O intervalo de vários meses entre uma aparição e outra das solas com pequenos círculos sugeria o movimento insidioso de alguém rigorosamente observador, cuja brutalidade e cujos planos só ele conhecia.

Ao meio-dia de sábado, 7 de fevereiro, depois de peneirar pistas por 24 horas, a polícia fez mais um exame e depois autorizou a liberação da casa de volta para David. Isso foi antes da existência de companhias profissionais especializadas em limpar cenas de crimes. A fuligem do pó para captação de impressões digitais manchava as maçanetas das portas. O colchão “queen size” de David e Manuela estava retalhado nos lugares em que os criminalistas haviam cortado pedaços para juntar como evidências. A cama e a parede acima dela ainda tinham respingos de sangue. Drew viu que ele, como policial em treinamento, era a escolha natural para a tarefa de limpeza e se dispôs voluntariamente a fazê-la. Sentiu também que era algo que devia ao irmão.

Dez anos antes, o pai deles, Max Witthuhn, trancara-se num quarto na casa da família, depois de uma briga com a mulher. Drew estava na oitava série e frequentava uma escola de dança na época. David tinha 18, era o filho mais velho da família, e foi quem arrombou a porta depois que o barulho de um tiro fez a casa tremer. Ele poupou a família daquela visão e absorveu sozinho a imagem do cérebro esfaqueado do pai. Havia se suicidado duas semanas antes do Natal. A experiência pareceu roubar de David qualquer certeza. Depois disso, viveu suspenso numa hesitação. Sua boca sorria ocasionalmente, mas seus olhos nunca.

Então conheceu Manuela. Estava em terreno firme de novo.

O véu de noiva dela pendia atrás da porta do quarto. A polícia, achando que fosse uma pista, inquiriu David sobre isso. Ele explicou que ela sempre o mantinha ali, uma rara expressão sentimental. O véu oferecia um vislumbre de um lado mais terno de Manuela, um lado que poucos haviam conhecido – e que agora nunca iriam conhecer.

A noiva de Drew era estudante de enfermagem. Ofereceu-se para ajudá-lo a limpar a cena do crime. Eles levariam a vida adiante, teriam dois filhos e um casamento de 28 anos que terminou em divórcio. Mesmo nos momentos mais difíceis de seu relacionamento, Drew acabava relevando muita coisa ao lembrar que ela o ajudara naquele dia; foi, sem dúvida, um ato de bondade, que ele nunca esqueceu.

Trouxeram vidros de água sanitária e baldes. Vestiram luvas de borracha amarelas. A tarefa era sórdida, mas Drew fez tudo sem chorar,

impassível. Tentou ver a experiência como uma oportunidade de aprendizado. O trabalho policial exigia frieza, diagnóstico. Era preciso ser duro, mesmo que estivesse limpando o sangue da sua cunhada na armação de metal da cama. Em pouco menos de três horas, livraram a casa das marcas da violência e arrumaram tudo para que David pudesse voltar.

Ao terminarem, Drew colocou o resto dos produtos de limpeza no porta-malas do carro e sentou ao volante. Enfiou a chave no contato, mas então parou, como tomado por alguma coisa, como alguém antes de espirrar. Uma sensação estranha, irreprimível, circulava pelo corpo dele. Talvez fosse a exaustão.

Ele não ia chorar. Não era isso. Nem lembrava da última vez que havia chorado. Não era de chorar.

Virou-se, então, e olhou para a casa número 35 da rua Columbus. Rememorou a primeira vez que havia ido de carro até lá. Lembrou dos pensamentos que tivera ainda sentado no carro, preparando-se para entrar.

*Meu irmão realmente chegou lá.*

O soluço sufocado escapou, ele lutou para contê-lo. Drew encostou a testa na direção e chorou. Não um choro de angústia sufocada, mas uma convulsão brutal de dor. Sem controle. Uma catarse. Seu carro tinha cheiro de amônia. O sangue debaixo de suas unhas ainda demoraria alguns dias para sair.

Por fim, disse a si mesmo que precisava se recompor. Tinha com ele um pequeno objeto que precisava entregar aos peritos do CSI. Algo que encontrara debaixo da cama. Algo que não haviam detectado.

Um pedaço do crânio de Manuela.

No sábado à noite, dois investigadores do DP de Irvine, Ron Veach e Paul Jessup, procurando mais informações junto ao círculo íntimo de Manuela, bateram à porta da casa dos pais dela na rua Loma, no bairro de Greentree. Horst Rohrbeck, seu pai, recebeu-os na porta. No dia anterior, logo após a casa ser isolada com uma fita e declarada cena do crime, Horst e sua esposa Ruth foram levados ao posto policial e prestaram depoimentos separados a oficiais subalternos. Foi a primeira vez que

Jessup e Veach, que era o detetive principal do caso, encontraram os Rohrbeck. Vinte anos nos Estados Unidos não haviam suavizado o comportamento alemão de Horst. Ele era sócio de uma oficina de automóveis local, e diziam que era capaz de desmontar um Mercedes-Benz inteiro com uma única chave-inglesa.

Manuela era a única filha dos Rohrbeck. Ela jantava com eles toda noite. O calendário pessoal dela tinha apenas duas anotações para o mês de janeiro, lembretes dos aniversários dos pais. *Mama. Papa.*

– Alguém matou minha filha – dissera Horst no seu primeiro depoimento à polícia. – Vou matar esse cara.

Horst parou na porta de entrada segurando um copo de conhaque. Veach e Jessup entraram na casa. Meia dúzia de amigos e familiares pesarosos estavam reunidos na sala. Depois que os investigadores se identificaram, a expressão dura de Horst se desfez e ele explodiu. Não era um homem grande, mas a fúria o fez dobrar de tamanho. Aos gritos, num inglês com sotaque, disse o quanto estava indignado com o departamento de polícia, o quanto eles precisariam se mexer mais. Depois de uns quatro minutos de discurso, Veach e Jessup viram que sua presença ali não era necessária. Horst estava desolado e querendo confronto. Sua raiva era um projétil explodindo em tempo real. Não havia o que fazer, a não ser deixar um cartão de visita na mesa do saguão de entrada e sair da frente dele.

A aflição de Horst estava também tingida por um remorso específico. Os Rohrbeck tinham um enorme cão pastor alemão, com treinamento militar, chamado Possum. Horst sugerira que Manuela levasse Possum para a casa dela como proteção enquanto David estivesse internado no hospital, mas ela não aceitou. Era impossível não fazer a fita voltar e imaginar Possum com a boca escancarada e sua mordedura em tesoura, com saliva pingando de seus incisivos, avançando contra o intruso que forçava a fechadura e fazendo-o fugir assustado.

O funeral de Manuela foi na quarta-feira, 11 de fevereiro, na Capela Saddleback, em Tustin. Drew notou policiais ao longo da rua tirando fotos. Depois voltou para o número 35 da rua Columbus, com David. Os

irmãos sentaram na sala e conversaram até tarde da noite. David bebeu muito.

– Acham que fui eu que a matei – David disse de repente, referindo-se à polícia. Sua expressão era enigmática. Drew preparou-se para ouvir uma confissão. Não acreditava que David fosse capaz de matar Manuela ele mesmo; a questão era se poderia ter contratado alguém para isso. Drew sentiu que seu treinamento policial estava entrando em cena. A imagem do irmão sentado à frente dele se reduziu a um furo de alfinete. Ele imaginou que havia uma chance.

– Foi você? – Drew perguntou.

A personalidade de David, sempre um pouco insegura, adquirira um tremor compreensível. A culpa do sobrevivente pesava nele. Havia nascido com um buraco no coração; se alguém tivesse que morrer, deveria ter sido ele. O pesar dos pais de Manuela vagava à procura de alguém para culpar. O olhar deles tinha o efeito crescente de um golpe de raspão. Mas agora, ao responder à pergunta de Drew, David reagiu indignado, e foi assertivo.

– Não – disse ele. – Não matei minha mulher, Drew.

Drew respirou aliviado, e teve a impressão de que era a primeira vez que o fazia desde a notícia do assassinato de Manuela. Precisava ouvir David dizer isso. Olhando nos olhos do irmão, feridos mas brilhando de certeza, Drew soube que ele dizia a verdade.

Ele não era o único a achar que David era inocente. O criminalista Jim White do Departamento do Xerife do Condado de Orange ajudou a processar a cena do crime. Bons criminalistas são scanners humanos; eles entram em quartos revirados, que nunca viram antes, isolam vestígios importantes de provas, e bloqueiam todo o resto. Trabalham sob pressão. A cena de um crime é sensível ao tempo e está sempre à beira do colapso. Cada pessoa que entra representa um risco de contaminação. Criminalistas vêm carregados de ferramentas para coleta e preservação – sacos de papel para evidências, lacres, fitas métricas, cotonetes, envelopes, moldes de gesso. Na cena de Witthuhn, White trabalhou em colaboração com o investigador Veach, que o instruiu sobre o que coletar. Ele coletou pequenos pedaços de barro perto da cama. Esfregou

com um cotonete uma mancha de sangue diluída no banheiro para coletar material. Ficou com Veach enquanto o corpo de Manuela era enrolado. Observaram o grande ferimento na cabeça, as marcas de amarras e algumas contusões na mão direita dela. Havia uma marca na nádega esquerda dela que o legista mais tarde concluiria ser provavelmente de um soco.

A segunda parte do trabalho do criminalista se dá no laboratório, analisando as evidências coletadas. White testou a tinta marrom encontrada na chave de fenda do assassino comparando-a com algumas marcas populares, e concluiu que a melhor aposta era um Marrom Oxford misturado na loja, fabricado pela Behr. O laboratório costuma ser o lugar onde sua tarefa termina. Criminalistas não são investigadores. Não conduzem entrevistas nem seguem pistas. Mas White estava numa posição única. Os departamentos de polícia individuais do Condado de Orange investigavam crimes em suas próprias jurisdições, mas a maioria deles usava o laboratório de criminalística do Departamento do Xerife. Assim, os investigadores do caso Witthuhn só sabiam de casos de Irvine, mas White trabalhara com cenas de crime no condado todo, de Santa Ana a San Clemente.

Para a polícia de Irvine, o assassinato de Manuela Witthuhn era raro.

Para Jim White, era familiar.

## DANA POINT, 1980

ROGER HARRINGTON LEU O BILHETE manuscrito grudado sob a campainha. Tinha a data de 20/9/80, o dia anterior.

*Patty e Keith,*

*Chegamos às 7 horas e não havia ninguém em casa.*

*Liguem pra gente se os planos tiverem mudado.*

Estava assinado “Merideth e Jay”, nomes que Roger reconheceu como os de amigos de sua nora. Tentou abrir a porta da entrada e ficou surpreso ao ver que estava trancada. Keith e Patty raramente trancavam a porta quando estavam em casa, especialmente quando o aguardavam para jantar. Roger foi pela entrada de carro, acionou o interruptor que abria a porta da garagem e lá estavam os carros de Keith e Patty, o MG dele e o VW dela. Como estavam na casa, talvez eles tivessem ido correr, imaginou Roger. Pegou uma chave que ficava escondida no alto da grade do quintal e entrou na casa, levando com ele para dentro a correspondência, uns 12 envelopes, um volume bem maior que o habitual.

A casa no número 33.381 da Cockleshell Drive é uma das cerca de 950 de Niguel Shores, um núcleo fechado em Dana Point, uma cidade de praia no sul do Condado de Orange. Roger era proprietário da casa, mas sua principal residência ficava num condomínio na vizinha Lakewood, mais perto de seu escritório em Long Beach. Seu filho de 24 anos, Keith, estudante do terceiro ano de medicina na Universidade da Califórnia-Irvine, e a nova esposa de Keith, Patty, uma enfermeira formada, moravam há um tempo na casa, fato que deixava Roger feliz. Gostava de ter a família por perto.

A casa era decorada no estilo do final dos anos 1970. Um peixe-espada na parede. Lustre Tiffany. Ganchos de plantas feitos de corda. Roger preparou um drinque para ele na cozinha. Ainda não anoitecia, mas a casa estava escura e quieta. A única coisa em movimento era o cintilante azul do oceano, visto pelas janelas e portas de vidro corrediças da face

sul. Uma sacola do supermercado Alpha Beta com duas latas de comida descansava na pia da cozinha. Um filão de pão preto estava fora, com três fatias de aspecto bolorento empilhadas ao lado. Roger sentiu, pouco a pouco, um medo sinistro.

Seguiu pelo corredor carpetado na cor ocre em direção aos quartos. A porta do quarto de hóspedes, onde Keith e Patty dormiam, estava aberta. As persianas fechadas dificultavam a visão. A cama estava arrumada, o edredom puxado até a cabeceira de madeira escura. Um volume incomum sob a coberta chamou a atenção de Roger quando ele estava a ponto de fechar a porta. Foi até lá e pressionou, sentindo algo duro embaixo. Puxou o edredom.

O contraste entre a parte de cima arrumada da coberta e o que estava embaixo foi difícil de assimilar. Keith e Patty estavam deitados de barriga para baixo. Seus braços dobrados em ângulos estranhos, as palmas para cima. Pareciam, no estrito sentido da palavra, quebrados. Se não fosse pelo teto logo acima, você poderia achar que tinham caído de grande altura, tal era a extensão da mancha de sangue debaixo deles.

Keith era o mais novo dos quatro filhos de Roger. Excelente aluno. Jogador de beisebol de destaque no colegial. Antes de conhecer Patty, namorou um bom tempo com uma colega de colegial que pretendia também fazer medicina, com quem todos achavam que iria se casar, até que inexplicavelmente para Roger, ela decidiu se matricular em outra escola de medicina e o casal se separou. Keith conheceu Patty logo depois, na escola de medicina da Universidade da Califórnia-Irvine. Um ano mais tarde, estavam casados. No fundo, Roger preocupava-se com Keith, achando que ele estava trocando rápido demais de parceira, mas Patty era simpática e direita, como Keith – ela havia rompido com um namorado anterior, com o qual morava, porque ele fumava maconha – e os dois pareciam muito dedicados um ao outro. Roger nas últimas semanas passara bastante tempo com “as crianças”, como se referia aos dois. Ajudara a instalar um novo sistema de irrigação no jardim. Os três tinham passado o sábado anterior limpando mato. Mais tarde naquela noite fizeram um churrasco na casa, para celebrar o aniversário do pai de Patty.

Nos filmes, as pessoas que descobrem um corpo morto chacoalham o cadáver para ter certeza. Roger não fez isso. Não precisou. Mesmo na quase escuridão, pôde ver que a pele clara do filho estava roxa.

Não havia sinais de luta, nenhuma evidência de entrada forçada, se bem que uma das portas corrediças talvez tivesse ficado destrancada. Patty comprara comida às 9h48 na noite de terça, segundo o comprovante do Alpha Beta. A irmã dela, Sue, ligara depois disso, às 11 horas da noite. Keith atendera meio sonolento e passara o telefone a Patty. Ela disse a Sue que os dois já haviam deitado; ela aguardava uma chamada logo cedo da agência de enfermagem. Um fragmento de metal compatível com latão foi encontrado no ferimento da cabeça de Patty. Isso sugeria que em alguma hora, depois que Patty terminou de falar com a irmã ao telefone, e antes que ela faltasse ao trabalho na quarta-feira, alguém pegara um dos recém-instalados irrigadores de metal e se enfiara dentro da casa. Isso num condomínio com guardas na portaria. E ninguém ouviu nada.

Revedo as evidências do Caso Witthuhn, ocorrido seis meses mais tarde, o criminalista Jim White, do Departamento do Xerife do Condado de Orange, sentiu em suas entranhas que o caso estava ligado ao assassinato dos Harrington. Os dois casos compartilhavam similaridades grandes e pequenas. Envolviam vítimas de classe média golpeadas até a morte na cama com objetos que o assassino pegava na própria casa. Em ambos os casos, o assassino levou a arma do crime ao ir embora. Nos dois, as vítimas femininas haviam sido estupradas. Os corpos de Keith e Patty Harrington mostravam evidências de terem sido amarrados; pedaços de fios de macramê foram encontrados na cama e em volta dela. No caso Witthuhn, seis meses mais tarde, marcas de amarras estavam também presentes no corpo, mas o material usado para amarrar havia sido removido da cena. Uma diferença que dava a impressão de que o assassino aprendera algo.

Os casos também compartilhavam um intrigante vínculo médico. Keith Harrington era estudante de medicina da UC-Irvine, e Patty, uma enfermeira que às vezes cumpria turnos no Hospital Mercy em Santa

Ana. David Witthuhn, marido de Manuela, estava internado no Hospital Comunitário de Santa Ana-Tustin quando sua mulher foi assassinada.

Um palito de fósforo parcialmente queimado foi achado no chão da cozinha dos Harrington. Nenhum dos Harrington era fumante; investigadores acreditaram que pertencia ao assassino.

Quatro fósforos de madeira foram recolhidos do canteiro de flores junto à casa dos Witthuhn.

Witthuhn era um caso do DP de Irvine; o caso Harrington era do Xerife do Condado de Orange. Investigadores das duas equipes debatiam a possível ligação. Enfrentar duas pessoas, como o assassino dos Harrington fizera, era considerado incomum. Um alto risco. Sugeriria que o prazer do matador derivava em parte de aumentar suas apostas. Será que o matador, seis meses mais tarde, teria como alvo uma única vítima, como no caso Witthuhn? O contra-argumento era que a estada de David no hospital fora algo fortuito. Teria o matador ficado surpreso ao encontrar Manuela sozinha aquela noite?

Roubo (as joias de Manuela) versus não roubo. Arrombamento da entrada versus não arrombamento. Não havia digitais para comparar; o DNA ainda estava num futuro distante. O assassino não deixara um ás de espadas em ambas as cenas para se identificar. Mas restavam pequenos detalhes. Quando Keith Harrington foi atingido fatalmente, a cabeceira de madeira da cama acima dele foi amassada. Investigadores concluíram a partir da localização de uma lasca de madeira entre as pernas de Patty que Keith havia sido morto primeiro e que depois Patty sofreu a agressão sexual. A cronologia fora planejada para que ela sofresse o máximo possível. O assassino de Manuela passou tempo suficiente com ela estressando-a a ponto de dar-lhe náuseas: encontraram vômito dela na cama.

“Violência exacerbada” é um termo popular mas às vezes mal-empregado nas investigações criminais e nas histórias sobre crimes. Mesmo investigadores criminais experientes às vezes interpretam mal o comportamento de um agressor quando ele usa de violência além da suficiente. É comum supor que um assassinato envolvendo esse tipo de violência indique um relacionamento entre o agressor e a vítima, uma

liberação de raiva reprimida, originada da familiaridade. “Isso foi pessoal”, diz o clichê.”

Mas essa suposição deixa de considerar as causas externas do comportamento. O nível de força pode depender de quanta resistência a vítima oferece. Ferimentos tremendos, que às vezes dão a impressão de uma relação pessoal que tenha descambado horrivelmente, podem resultar de uma luta prolongada entre estranhos.

A maioria dos criminosos violentos vive a vida como um rolo compressor humano. Tem punhos no lugar de mãos e não consegue planejar um palmo adiante do nariz. São pegos facilmente. Falam demais. Voltam à cena do crime, tão visíveis quanto latinhas amarradas num para-choque. Mas uma hora ou outra uma lua azul aparece. Um leopardo das neves escapa.

De tempos em tempos investigadores deparam com um homicídio mais estranho envolvendo o assassinato bárbaro de vítimas que não resistiram.

Considerando que Manuela e Patty foram amarradas e, portanto, por definição, estavam subjugadas, a quantidade de força usada para golpeá-las revelou uma exorbitância de raiva dirigida à mulher. Era incomum ver uma raiva tão frenética combinada com um planejamento calculado. Não houve uma comparação forense entre os casos, mas havia, sim, um sentimento de que uma única mente estava em ação, alguém que não deixava muitas pistas, nem falava ou mostrava o rosto, alguém que circulava despercebido na multidão da classe média, um homem comum com um distúrbio mental bem disfarçado.

A possível conexão entre Harrington e Witthuhn nunca foi descartada de vez, só deixada de lado à medida que os casos esfriavam. Em agosto de 1981, vários artigos de jornal questionaram se o caso Harrington estava ou não relacionado a outros casos recentes de duplo homicídio no Sul da Califórnia. “Há um ‘Night Stalker’ assassinando casais do sul da Califórnia em suas camas?” era o título de um artigo do *Los Angeles Times*.

O Departamento do Xerife de Santa Barbara havia sido o primeiro a levantar a ideia de uma conexão. Eles haviam registrado dois duplos homicídios e um ataque a faca do qual o casal escapara. Mas os outros

condados com casos talvez relacionados, Ventura e Orange, subestimaram a ideia. As autoridades de Ventura, ainda ressentidas com uma audiência preliminar amplamente divulgada, na qual a acusação contra um suspeito de duplo homicídio não prosperou, teriam afirmado que no seu entender Santa Barbara havia queimado a largada. O Condado de Orange também se mostrou cético. “Não achamos que seja isso”, declarou o investigador Darryl Coder.

E assim foi. Cinco anos se passaram. Dez anos. O telefone nunca tocou com a pista certa. Os arquivos, revistos periodicamente, nunca revelaram a informação necessária. Roger Harrington ficou obcecado com os detalhes, tentando decifrar os assassinatos de Keith e Patty. Contratou um investigador particular. Ofereceu uma vultosa recompensa. Amigos e colegas de trabalho foram de novo entrevistados. Nenhum vislumbre. Em desespero, Roger, um homem de negócios durão, que vencera por esforço próprio, sucumbiu e consultou uma vidente. A médium não conseguiu desfazer a névoa. Roger reexaminou cada momento que ele passou com Keith e Patty antes da morte dos dois. Seus assassinatos eram um desfile de detalhes fragmentários que nunca mostravam coerência e nunca paravam de rodar na sua cabeça.

## HOLLYWOOD, 2009

QUATRO FILEIRAS DE PAPARAZZI acotovelavam-se ao longo do tapete vermelho. Meu marido, Patton, fazendo caretas para as câmeras em seu elegante terno azul listrado. Dilúvio de flashes. Uma dúzia de mãos estendendo microfones de trás das barricadas de metal. Adam Sandler apareceu. As atenções passam a outro foco. Aumentam os gritos. Agora é Judd Apatow. Jonah Hill. Chris Rock. Era uma segunda-feira, 20 de julho de 2009, um pouco depois das 6 da tarde. Estávamos nos ArcLight Cinemas de Hollywood para a premiere do filme *Funny People* [no Brasil, *Tá Rindo do Quê?*]. Em algum lugar provavelmente deve haver uma foto não utilizada de alguma celebridade, e no fundo uma mulher de vestido preto básico e sapatos confortáveis. Eu pareço confusa e animada e estou olhando para o meu iPhone, porque nessa hora, enquanto alguns dos maiores astros do cinema mundial passavam por mim, eu acabava de saber que um fugitivo, que eu perseguia e que me deixara obcecada, um duplo homicida em fuga no Oeste e Noroeste durante os últimos 37 anos, fora encontrado.

Fiquei entrincheirada atrás de uma coluna de concreto e liguei para a única pessoa que eu sabia que iria se importar tanto quanto eu com a notícia – Pete King, um velho repórter do *Los Angeles Times* que agora trabalhava na assessoria de imprensa da Universidade da Califórnia. Ele atendeu na hora.

– Pete, você ficou sabendo? – eu disse. As palavras atropelavam-se na minha boca.

– Sabendo de quê?

– Acabei de receber um e-mail com o link de uma notícia. Houve um tiroteio numas montanhas remotas do Novo México. Duas pessoas morreram. Um subxerife, e o cara que estavam perseguindo. Uma espécie de misterioso homem das montanhas que roubava chalés.

– Não – disse Pete.

– Pois é – eu disse. – Pegaram as digitais do homem da montanha.

Admito que aqui fiz uma pausa para aumentar a dramaticidade.

– Joseph Henry Burgess – eu disse. – Pete, nós dois estávamos certos. Ele rondava por aí o tempo todo.

Nosso silêncio de perplexidade durou só um instante. Eu sabia que Pete queria entrar no computador. Os organizadores do evento já estavam colocando as pessoas para dentro. Podia ver Patton procurando por mim.

– Descubra mais – eu disse a Pete. – Agora eu não posso, estou no meio de um negócio.

O tal negócio não era minha praia. Entendo que reclamar de ter que ir a *premieres* não gere muita empatia, e talvez se encaixe na exasperante categoria “problemas de primeiro mundo”. Eu entendo. Mas seja um pouco paciente. Não estou sendo falsamente humilde quando digo que nunca fui a um evento de Hollywood em que alguém não tenha colocado uma etiqueta da minha roupa para dentro, ajustado um botão, ou avisado que eu tinha uma marca de batom nos meus dentes. Uma vez, uma promotora de eventos tirou minha mão da boca com um tapa quando eu estava roendo as unhas. Minha pose no tapete vermelho pode ser mais bem descrita como “cabeça baixa, meio curvada”. Mas meu marido é ator. Eu o amo e admiro o trabalho dele, e o dos nossos amigos, e comparecer a esses eventos faz parte. Então você tem que se vestir elegantemente e às vezes recorre a profissionais para ficar bem arrumada. Um motorista numa limusine vai buscá-la, e então você se sente esquisita e intimidada. Uma pessoa de relações públicas toda animada, que você nunca viu na vida, conduz você até um tapete vermelho onde você ouve gritos de “olhe pra cá!” e “aqui, aqui” de uma centena de estranhos que têm lâmpadas de flash no lugar de rostos. E então, após esses breves momentos de glamour fabricado, você se vê num assento comum de um velho e decrépito cinema, dando goles de Diet Coke num copo de plástico molhado, e salgando os dedos numa pipoca quente. As luzes se apagam. Um entusiasmo compulsório tem início.

Circulando no evento social após a cerimônia, Patton foi apresentado aos diretores de *Crank* [no Brasil, *Adrenalina*], um filme de ação que ele adora, estrelando Jason Statham. Ele começou a diverti-los com suas tiradas favoritas sobre o filme. “Tenho uma adoração gay pelo Statham”,

ele confessou. Depois que nos separamos dos diretores, paramos e demos uma olhada na multidão que se apertava no salão de baile do Hollywood & Highland Center. Bebidas, *minicheeseburgers* gourmet, e talvez até Garry Shandling, um ídolo de Patton, nos aguardavam. Patton leu meus pensamentos.

– Tudo bem – ele disse.

Uma amiga parou a gente quando saíamos.

– Voltando para o bebê? – disse ela com um sorriso carinhoso. Nossa filha, Alice, tinha três meses de idade. – Você sabe bem como é isso, não? – eu disse.

A verdade, é claro, era mais bizarra: eu estava abrindo mão de uma badalada festa de Hollywood para voltar não à minha criança que dormia, mas ao meu laptop, para ficar cavoucando a noite inteira, procurando informações sobre um homem que eu nunca havia visto na vida, que matara gente que eu não conhecia.

Homens violentos, desconhecidos para mim, têm ocupado minha mente a minha vida adulta inteira – desde 2007, quando soube do agressor que eu iria apelidar de Assassino do Golden State. A parte do cérebro que fica reservada a estatísticas sobre esporte ou receitas de sobremesa ou citações de Shakespeare, no meu caso é uma galeria de cenas aflitivas: a bicicleta BMX de um menino, com suas rodas ainda girando, abandonada numa vala de estrada do interior; um tufo de fibras verdes microscópicas coletadas da parte de baixo das costas de uma menina morta.

Poderia dizer que eu gostaria de parar, mas esse não é o ponto. Claro, adoraria limpar a sujeira. Tenho inveja, por exemplo, de pessoas que são obcecadas pela Guerra Civil, que transborda de detalhes, mas é circunscrita. No meu caso, os monstros recuam, mas nunca desaparecem. Estão mortos há muito tempo e nascem enquanto escrevo. O primeiro, sem rosto e que nunca foi pego, marcou-me aos 14 anos de idade, e desde então já abri mão de bons momentos da vida para buscar respostas.

## OAK PARK

OUVI TERRY KEATING ANTES DE VÊ-LO. Ele é baterista e professor de bateria, e sua voz estrondosa provavelmente é fruto tanto de perda auditiva quanto do hábito de berrar com seus alunos para poder ser ouvido. – Ei, é o Terry! – ele grita. Tiro os olhos do celular, fico em pé, esperando que venha até onde estou e vejo um cara branco, estatura mediana, com uma mecha de cabelo castanho caída e um copo *Venti* da Starbucks na mão. Estava de calça jeans Levi's e camiseta verde, escrito "SHAMROCK FOOTBALL". Mas não é comigo que fala. Está atravessando a rua e indo até número 143 da South Wesley Avenue, a casa de tijolos na esquina, em Oak Park, Illinois, onde combinamos de nos encontrar. Ele grita para um homem de uns 50 anos que está mexendo num automóvel estacionado numa entrada de garagem. O homem é alto, magricela, meio encurvado, seu cabelo que já foi escuro agora está grisalho. Tem aquilo que às vezes chamamos de cara de poucos amigos. Não transmite nada de afetuoso.

Mas há algo familiar. Ele tem forte semelhança com os membros da família que morava na casa quando eu era adolescente; algumas das crianças tinham mais ou menos a minha idade, eu as conhecia de vê-las pela cidade. Talvez seja um irmão mais velho delas, imagino, e deve ter comprado ou herdado a casa dos pais.

O homem olha para Terry sem reconhecê-lo. Vejo que Terry vai em frente, decidido, e um desconforto me percorre. Tenho um instinto maternal de intervir, corrigir e acalmar. Mas estou vendo que Terry quer se identificar, reavivar a memória do homem. Afinal são velhos vizinhos.

– Eu fui um dos garotos que acharam o corpo! – Terry grita.

O homem fica encarando Terry, parado ao lado do carro. Não diz nada. O silêncio é francamente hostil. Eu desvio o olhar, fico olhando uma pequena estátua da Virgem Maria plantada no canto nordeste do gramado da frente.

É um sábado à tarde, 29 de junho de 2013 – um dia excepcionalmente frio e com muito vento para o meio do verão de Chicago. Olho para o céu

e vejo, um quarteirão a oeste, o pináculo da Igreja Católica de Santo Edmundo, a velha igreja da minha família, onde eu frequentei escola da primeira à terceira série.

O homem volta a mexer no carro. Terry dá uma guinada para a direita. Ele me vê trinta metros adiante na calçada. Eu me animo com o contato visual e aceno entusiasmada para ele, uma compensação pelo que acabou de ocorrer. Terry estava um ano à minha frente na Santo Edmundo. A última vez que lembro de tê-lo visto foi há 35 anos. Sei pouco dele, além da descoberta recente de que aquela mesma noite de agosto de 1984 mudou também a sua vida.

– Michelle! – ele grita, andando na minha direção. – Como vai Hollywood?

A gente se abraça estabranadamente. O jeito dele me traz de volta na mesma hora à Oak Park da minha infância. As vogais longas do seu forte sotaque de Chicago. A expressão que usou mais tarde dizendo que tinha que “picar a mula”. Ele tem o cabelo meio bagunçado, as bochechas coradas, rosadas, e uma total ausência de afetação. Não tem qualquer filtro entre o que pensa e o que fala.

– Pois é, o que aconteceu foi que... – diz ele, me trazendo de volta em direção à casa. Eu hesito. Talvez seja medo da reação do dono da casa, já irritado. Talvez seja a minha sensação de que essa caminhada pode ajudar a nos transportar para aquela noite úmida e quente de verão quando ainda andávamos de bike mas já tínhamos experimentado o primeiro gole de cerveja. Olho para o sul pela viela.

– E se a gente refizer o caminho que vocês percorreram aquela noite?

Oak Park fica na divisa do West Side de Chicago. Ernest Hemingway, que crescera ali, fez aquele famoso comentário dizendo que era uma cidade de “amplos gramados e mentes estreitas”, mas eu não sentia a cidade assim. Vivíamos numa casa vitoriana muito fria, de três andares, na quadra 300 de South Scoville, uma rua sem saída no centro da cidade. Ao norte de casa ficava a Casa e Estúdio de Frank Lloyd Wright, e uma vizinhança rica de *prairie homes* e profissionais liberais decididos a manter seu status de gente “antenada”. Minha amiga Cameron morava numa das casas projetadas por Wright. Seu padrasto era um advogado de

direitos civis, e a mãe ceramista, acho. Foi por meio deles que conheci o sal vegetariano e a palavra “kabuki”. Lembro do padrasto recomendando a Cameron e a mim – as duas tínhamos preferência por agasalhos pretos e poesia confessional – que levantássemos o astral e fôssemos assistir ao filme da banda Talking Heads, *Stop Making Sense*.

Ao sul de onde morávamos, a maioria era de famílias de trabalhadores irlandeses católicos. As casas eram sempre alguns graus mais geladas, e as camas não tinham cabeceira. Às vezes, algum pai sumia com uma garota de vinte anos e nunca mais voltava, mas não havia divórcio. Uma amiga do segundo ano da faculdade, que passou as férias de primavera com a minha família, teve certeza de que meu pai estava contando uma piada uma vez quando ele me pôs a par das fofocas locais. Os sobrenomes, segundo ela, eram todos irlandeses, de uma maneira exagerada, provocadora. Os Connelly. Os Flannery. Os O’Leary. E assim por diante. Uma vez entreouvi uma fatigada mãe católica irlandesa de Oak Park responder uma pergunta a respeito da minha família. – Quantas crianças os McNamara têm? – perguntaram a ela.

– Só seis – disse. Ela tinha onze.

Minha família vivia com um pé em cada lado de Oak Park. Meus pais eram nativos, membros da tribo que costumavam chamar de irlandeses do West Side. Eles se conheceram no colegial. Meu pai era um cara alegre, com os dentes da frente espaçados. Gostava de rir. Minha mãe era a filha mais velha abstinente de dois grandes festeiros. Adorava Judy Garland e sempre foi fascinada por Hollywood. “As pessoas costumavam dizer que eu era parecida com a Gene Tierney”, ela me confessou uma vez, toda tímida. Não sabia quem era. Quando assisti a *Laura* anos mais tarde, fiquei encantada com a protagonista que compartilhava com a minha mãe aqueles cachos de cabelo castanho-dourado e as feições delicadas.

A história é que meus pais ficaram juntos quando meu pai bateu à porta da minha mãe supostamente procurando por um amigo dele. Eu acredito que foi assim. A abordagem indireta a questões emocionais combina com eles. Os dois têm olhos enormes – meu pai azuis, minha

mãe verdes –, que expressam com muita emoção o que eles muitas vezes não conseguem dizer.

Meu pai pensou por um breve tempo em entrar no seminário, quando estava longe, na Notre Dame. Eles o chamavam de Irmão Leo. Minha mãe considerou outros pretendentes e ensaiou possibilidades alternativas para seu último sobrenome. Mas o Irmão Leo concluiu que os seminaristas não bebiam o suficiente. Um amigo em comum, o reverendo Malachy Dooley, celebrou o casamento deles um dia depois do Natal, em 1955. Minha irmã mais velha, Margo, nasceu no mês de setembro seguinte. Provoque minha mãe erguendo uma sobrancelha diante dessa matemática e as bochechas dela vão arder. O apelido dela no colegial era “Senhorita Certinha”.

Depois de se formar em Direito na Northwestern, meu pai foi trabalhar na firma Jenner and Block, no centro. Ficou lá 38 anos. A maior parte dos seus dias começava numa cadeira no pórtico da frente de casa, com persianas abaixadas, uma mão segurando o *Chicago Tribune*, na outra uma caneca de chá, e terminavam com um martini Beefeater bem seco *on the rocks*, com algum acréscimo especial. Quando ele decidiu ficar sóbrio, em 1990, anunciou isso do seu costumeiro jeito peculiar. Cada filho recebeu uma carta datilografada. “Ao meu filho favorito”, começava, “Decidi aderir à Geração Pepsi.” Ele mais tarde comentou que apenas dois dos seus filhos haviam acreditado no cumprimento da promessa. Eu era um deles.

Meus irmãos vieram em rápida sucessão, quatro meninas e um menino; eu era a caçula, nascida após um intervalo de seis anos. A irmã com idade mais próxima da minha, Mary Rita, era bem mais velha que eu para poder brincar comigo de verdade. Olhando agora em retrospecto, a impressão é que eu nasci numa festa que estava começando a terminar. Na época em que cheguei, meus pais já tinham cada um sua poltrona La-Z-Boy. A nossa porta da frente era envidraçada em parte, e se você ficasse ali em pé poderia ver as costas da poltrona bege da minha mãe na sala. Quando algum dos amiguinhos das crianças tocava a campainha, ela levantava a mão e fazia um movimento circular. “Dê a volta”, gritava, mandando entrar pela porta dos fundos, destrancada.

As famílias do nosso quarteirão tinham idades próximas, mas os filhos eram todos da mesma idade dos meus irmãos mais velhos. Eles andavam em bandos e voltavam para casa no final da tarde. Eu tenho uma boa memória do que era ser adolescente nos anos 1970 porque passei muito tempo com eles. Minha irmã Kathleen, dez anos mais velha, era e ainda é a mais extrovertida da família, e me levava para todos os cantos como se eu fosse o brinquedinho querido dela. Lembro de ir me equilibrando precariamente na garupa da sua bicicleta quando ela pedalava até o mercadinho Jewel, na Madison Street. Quase todo mundo a conhecia. “Ei, Beanie!” eles gritavam, chamando-a pelo apelido.

No primeiro ano do colegial, Beanie teve uma paixão louca por Anton, um menino loirinho e quieto que praticava corrida. Ela me levou junto a um dos eventos dele. Ficamos escondidas bem no alto da arquibancada para poder olhá-lo bem. Lembro da expressão de apaixonada no rosto dela quando ele explodia na largada. Não compreendi isso então, mas estava perdendo-a para as complexidades da vida de colegial. Logo me vi sentada sozinha no alto da escada dos fundos, que ligava nossa cozinha ao andar de cima, observando meninos adolescentes de costeletas mandando ver na cerveja no nosso refúgio de café da manhã, enquanto “The Joker” da Steve Miller Band tocava no maior volume.

Todos na minha família falam com uma reverência irônica daquele dia de 1974 em que as irmãs Van – Lisa, da minha idade; Kris, um ano mais velha – se mudaram para o outro lado da rua.

– Graças a Deus – eles brincam. – O que teríamos feito com você?

Muitos dos amigos mais íntimos dos meus pais eram da escola primária e secundária. O fato de manterem esses vínculos num mundo cada vez mais instável e transitório era motivo de orgulho para eles, como deveria ser, mas tinha também o efeito, penso eu, de isolá-los. Quando eram tirados dessa sua zona de conforto, ficavam bem pouco à vontade. Acho que havia uma corrente subterrânea de timidez passando por eles. Eles gravitavam em torno de personalidades mais fortes. Usavam o humor, às vezes de modo contundente, para aliviar a tensão. Minha mãe, especialmente, parecia sempre disposta a reprimir – emoções,

expectativas. Tinha mãos pequenas, sardentas, e o hábito de ficar apertando os dedos quando as coisas ficavam desagradáveis.

Não quero passar uma impressão equivocada. Eles eram pessoas brilhantes, curiosas, que se moviam pelo mundo desde que tivessem como. Meu pai defendeu, e perdeu, um caso na Suprema Corte em 1971, que ainda é estudado em aulas de direito constitucional. Eram assinantes da *New Yorker*. Sempre tiveram interesse pela cultura popular e pelo que fosse considerado bom, ou mais atual, avançado. Minha mãe permitiu-se ser levada para assistir *Boogie Nights* [no Brasil, *Prazer sem Limites*] (“Vou assistir *A Noviça Rebelde* vinte vezes seguidas para esquecer isso”, disse ela.) Eram democratas, fiéis aos Kennedy. “Progressistas politicamente”, minha mãe gostava de dizer, “mas socialmente conservadores.” Meu pai levou minhas irmãs mais velhas quando tinham 10 e 8 anos até o centro para ver Martin Luther King falar. Votaram em Mondale em 1984. Mas quando eu tinha 19 anos, minha mãe uma vez me acordou bem cedo em pânico, sacudindo na mão um punhado de comprimidos estranhos (para ela). Não conseguia ser capaz de dizer a palavra “pílula”.

– Você está tomando... – disse ela.

– Fibras – eu disse, e voltei a dormir.

Mas nossa relação sempre foi tempestuosa. Minha irmã Maureen lembra de chegar um dia em casa quando eu tinha uns 2 anos de idade e encontrar minha mãe andando pela varanda da frente. “Não sei se sou eu a louca”, ela disse, controlando as lágrimas, “ou a Michelle.” Minha mãe tinha 40 anos então. Ela aguentara pais alcoólatras e a morte de um filho ainda bebê. Estava criando seis filhos sem ajuda. Tenho certeza de que a louca era eu. O apelido que ela me deu a vida toda, meio de brincadeira, meio a sério, era Bruxinha.

Passamos a vida implicando uma com a outra. Ela ficava na defensiva. Eu a olhava com raiva. Ela rabiscava bilhetes, colocava num envelope, e enfiava debaixo da porta do meu quarto. “Você é fútil, cabeça oca e grossa”, dizia um dos mais memoráveis, concluindo, “mas é minha filha e é claro que eu amo muito você.” Tínhamos uma casinha de verão no Lago Michigan, e lembro de uma tarde, eu criança, brincando nas ondas